

**UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM FONTES DIGITALIZADAS
DA HEMEROTECA DO CENTRO NACIONAL DO FOLCLORE E
CULTURA POPULAR – (CNFCP)**

**A RESEARCH EXPERIENCE WITH DIGITIZED SOURCES FROM THE
NEWSPAPER LIBRARY OF THE NATIONAL CENTER OF FOLKLORE AND
POPULAR CULTURE (CNFCP)**

**UNA EXPERIENCIA DE INVESTIGACIÓN CON FUENTES
DIGITALIZADAS DE LA HEMEROTECA DEL CENTRO NACIONAL DE
FOLKLORE Y CULTURA POPULAR - (CNFCP)**

Filipe Arnaldo Cezarinho *

Resumo: A presente proposta refletiu sobre os aspectos metodológicos de uma experiência de pesquisa com jornais digitalizados na hemeroteca do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – CNFCP, que resultou no livro *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia*. Em diálogo com uma bibliografia base sobre História do Tempo Presente, foram apresentados os percalços e possibilidades na pesquisa com fontes digitais em História. Concluiu-se que é fundamental que historiadores atuem com rigor teórico-metodológico quando da utilização dessa documentação que está disponível publicamente, evitando, dessa forma, usos puramente utilitaristas das fontes históricas.

Palavras-chave: História e Pandemia. Fontes Digitais. História do Tempo Presente.

Abstract: The present proposal reflected on the methodological aspects of a research experience with digitalized newspapers in the hemeroteca of the Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular - CNFCP, which resulted in the book *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia*. In dialogue with a basic bibliography on the History of Present Time, the difficulties and possibilities in the research with digital sources in History were presented. It was concluded that it is fundamental that historians act with theoretical and methodological rigor when using this documentation that is publicly available, thus avoiding purely utilitarian uses of historical sources.

Keywords: History and Pandemic. Digital Sources. History of Present Time.

Resumen: La presente propuesta reflexiona sobre los aspectos metodológicos de una experiencia de investigación con periódicos digitalizados en la hemeroteca del Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular - CNFCP, que dio lugar al libro *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia*. En diálogo com uma bibliografia básica

sobre Historia del Tiempo Presente, se presentaron las dificultades y posibilidades en la investigación con fuentes digitales en Historia. Se concluyó que es fundamental que los historiadores actúen con rigor teórico-metodológico a la hora de utilizar esta documentación de acceso público, evitando así los usos puramente utilitarios de las fuentes históricas.

Palabra clave: Historia y Pandemia. Fuentes Digitales. Historia del Tiempo Presente.

“O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio”.

Marc Bloch, Apologia da História, 2002, p. 83.

Introdução

O objetivo deste artigo é destacar a experiência de pesquisa com fontes digitalizadas nos acervos do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular – CNFCP. O material foi coletado para a execução do projeto selecionado pelo Edital Nº 01/2020 – Premiação Fundação Pedro Calmon, Prêmio Aldir Blanc, categoria Memória. Como resultado, publicamos o *E-book* denominado *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia*ⁱ.

A Fundação Pedro Calmon é uma entidade atrelada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – SECULT/BA. O advento da pandemia acabou criando sérias restrições aos trabalhadores e trabalhadoras da cultura. Tal impedimento impulsionou movimentos de instituições estatais que buscaram fornecer subsídios para esse segmento profissional, conforme consta na própria *Home Page* do *site* institucional:

O Prêmio é voltado para o reconhecimento às iniciativas culturais da sociedade civil nos processos de criação, produção, difusão, formação, pesquisa, entre outras expressões artísticas e culturais. De acordo com o diretor geral da FPC, Zulu Araújo, o Prêmio “contemplará todos os trabalhadores e trabalhadoras da cultura. Teremos ações afirmativas em todas as categorias, proporcionando a inclusão plena de nossos artistas, técnicos e trabalhadores”.ⁱⁱ

Um dos principais critérios avaliativos dos projetos submetidos ao edital era o de que todos fossem construídos tendo em vista as orientações estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde – OMS, devido à flagrante pandemia do Covid-19. Significa dizer que as pesquisas deveriam ser desenvolvidas através de recursos digitais. Estimava-se que seriam premiadas, aproximadamente, 340 proposições e cerca de 7 milhões de reais direcionados às seguintes categorias: Livro e Leitura (50 projetos); Bibliotecas comunitárias (50 projetos); Memória (200 projetos); e Arquivo (40 projetos).

Resumidamente, a ideia central do livro era ratificar a Guerra de Espadas, manifestação cultural centenária existente em várias cidades da Bahia, enquanto Patrimônio Cultural imaterial de sua população. Tratamos, portanto, das memórias de espadeiros e espadeiras. Juntamente com colaboradores (as) pertencentes à tradição das espadas, foi possível arrolar quantidade expressiva de fotografias que compuseram a obra. Todas as imagens foram recebidas através do aplicativo *WhatsApp*. No caso dos jornais, esses foram manejados com o objetivo de traçar um panorama histórico da prática tradicional. Adotamos procedimentos metodológicos distintivos da disciplina histórica para coleta dos documentos jornalísticos. No entanto, por não se tratar de uma produção típica do campo historiográfico, abrimos mão de qualquer tipo de reflexão apurada sobre os princípios metodológicos utilizados no tratamento dessas fontes durante a produção do livro. Assim pontuamos:

[...] mesmo com o recurso à pesquisa histórica, este não é um livro de História. Estamos longe dessa feita. Por isso, nos libertamos de determinados procedimentos metodológicos específicos que caracterizam o fazer historiográfico. Assim, em segundo lugar, permitimo-nos aos constructos criativos e inventivos, cunhando histórias aproximadas e plausíveis da realidade (CEZARINHO; DOURADO, 2021, p. 9).

É sobre a metodologia aplicada aos jornais digitalizados que trataremos neste texto. Antes, é preciso informar, que estamos lidando com o tempo presente. O presente na área da História foi posto em questionamento por uma tradição metódica na qual via no passado ou nos elementos de outrora a única maneira de produção do conhecimento no campo. Jean Mac Cole Tavares Santos (2009, p. 9) pontuou que “a afirmação da concepção da história como uma disciplina que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio [...] implicou a concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente”.

Entretanto, isso não impediu que volumosa produção sobre a História do Tempo Presente viesse à tona. Recentemente, vimos que as mídias digitais tiveram papel fundamental nesse empreendimento. Novas fontes, problemas, metodologias e a própria escrita da História atravessou por alterações significativas com o advento da *internet*. Este trabalho é mais um que incorpora e endossa a importância do fazer da História do Tempo Presente, mantendo os rigores comuns ao ofício do (a) historiador (a).

Experimentando acervos digitais para pesquisa histórica

A pandemia que assolou o mundo em 2020 (e continua em 2021) nos empurrou com veemência para algo que já se demonstrava inevitável: o uso das ferramentas digitais. À

medida em que éramos isolados no interior dos ambientes familiares, impossibilitados (as) do exercício presencial de nossas funções nas escolas, universidades, arquivos, bibliotecas e no contato direto com o público, demandas profissionais apontavam compulsivamente que seria o momento de começarmos a nos integrar o quanto antes às dinâmicas das plataformas de reuniões como o *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*, *ezTalks* e *Skype*. De repente nos percebemos trabalhando quase que 24 horas por dia, ao som dos gritos das crianças e articulando afazeres domésticos com trocas de mensagens em aplicativos para planejar aulas, reuniões e pesquisas. Passamos, concomitantemente, a nos preocupar mais com os recursos digitais que tínhamos até então. Nesse quesito, *internet* estável, bons microfones, fones de ouvido e dispositivos com ótima definição para chamadas de vídeos tornaram-se imperativos. A vida em rede nunca foi tão real.

Como sabido, as mídias sociais digitais viabilizaram a proliferação de documentos virtuais, proporcionando mudanças significativas na produção do conhecimento histórico. Grosso modo, as fontes encontradas na *internet* podem ser divididas em dois grandes grupos: aquelas oriundas de suportes não digitais e as que são produzidas especificamente nas interações *online*. No primeiro caso, falamos de vestígios humanos variados que surgiram de suportes físicos, por exemplo, jornais impressos, livros, processos criminais, atas da câmara de vereadores, cartas, diários e muito mais. Fabio Chang de Almeida (2011) denominou esse conjunto de “fontes não-primárias digitais”. Do outro lado, as fontes “primárias digitais” são, obviamente, aquelas nascidas digitalmente: *sites*, *blogs*, registros de pessoas comuns em plataformas como o *Facebook*, trocas de conversas no aplicativo *WhatsApp* etc. Em outros termos, são amplas as possibilidades de rastros produzidos por mulheres e homens por meio de interações em rede mundial.

Não há como questionar os efeitos que a *internet* tem causado na escrita da História. No que tange às fontes, houve uma profusão em velocidade jamais vista. O tempo da *internet* é considerado, como constatou Pedro Eurico Rodrigues (2014, p. 143), “o tempo cronoscópico, que conta os segundos, os minutos e as horas, essa velocidade que não conta mais com o passado e nem o futuro”. Notou-se, também, que uma das características principais das fontes digitais é a sua instabilidade. Basta um simples toque no *mouse* para que o comentário de sua amiga em uma postagem no *Facebook* ou *Instagram* seja permanentemente excluído (CEZARINHO, 2018; TOMASI, 2013). Além disso, essa volubilidade é percebida nos próprios *sites* em que pesquisamos quando, de um dia para o

outro, são alterados os conteúdos e interfaces dos mesmos (OLIVEIRA, 2014). Esses são apenas alguns dos dilemas com o advento das fontes vindas do digital.

Esses dilemas afetam em menor escala as fontes não-primárias digitais, como os recortes de jornais trabalhados nesta análise. As hemerotecas transformaram-se, na atualidade acadêmica de diversas disciplinas, em *locus* de expressivo interesse para produção do conhecimento. Ao historicizar a relação História e *Internet*, Leandro Antônio de Almeida destacou que os acervos digitais tendem a modificar o formato linear de acesso às fontes, visto que uma das grandes características da rede *online* está na sua capacidade de fragmentação dos dados. Complementar a isso, o avanço da *internet* nos anos 2000 “[...] possibilitou a viabilidade do armazenamento e disponibilização on-line de maior variedade de documentos históricos em diversos formatos como manuscritos, impressos, imagens, vídeos, voz, músicas [...]” (2013, p. 3).

Reconhecido o progresso das hemerotecas, foram elaborados novos mecanismos de buscas que facilitaram, de certa maneira, as investigações por meio de palavras-chave. Tal empreendimento tornou mais dinâmica a interação do (a) pesquisador (a) com os documentos digitalizados. Utilizando termos circunscritos à pesquisa passou-se a obter dados de diversos jornais em várias realidades espaciais e temporais. Escreveu Leandro Antônio de Almeida (2013, p. 8):

Em função do poder, uma poderosa ferramenta de pesquisa é a busca por palavras da Hemoteca Digital Brasileira, desenvolvida pela empresa DocPro e mantida pela Biblioteca Nacional. Seu principal destaque é a possibilidade de se consultar vários periódicos de um estado brasileiro em uma década, ou de consultar um termo em toda a série de um jornal ou revista específico, o que abre possibilidades de pesquisa histórica sincrônicas ou diacrônicas [...].

Considerando as amplas possibilidades de pesquisar jornais que deixaram de circular, a digitalização de informações públicas por empresas privadas tem acarretado no monopólio da memória, correndo-se o risco de sua comercialização. Do público ao privado. Há de se ter muito cuidado com esse tipo de prática que vem se tornando comum nas grandes corporações em diversos países (GINZBURG, 2010).

Atinente aos empecilhos e possíveis cuidados do (a) pesquisador (a), Almeida (2013) argumenta que alguns termos podem não entrar em destaque na hora da pesquisa. Muitos programas carecem de exatidão e, nesse sentido, edições podem ser deixadas para trás sem a devida apuração do pesquisador. Elemento importante a ser observado está na grafia das palavras através do tempo: “Essa imprecisão pode ocorrer por causa das grafas antigas. Em

geral, os buscadores atualizam-na, mas há grande possibilidade de resultados ficarem de fora da busca” (p. 15).

Buscando apreciar as produções literárias do século XIX, Ana Ligia Silva Medeiros (2017, p. 66) revelou a potencialidade dos jornais para essa montagem. Muitos dos grandes literatos eram redatores ou expressavam-se por meio desses suportes. Como muito bem pontou a pesquisadora, o advento da *internet* permitiu que uma grande massa de impressos fosse disponibilizada, o que facilitou a sua utilização: “Na área acadêmica, igualmente, a opção digital ganha cada vez mais adeptos, pois mostra-se mais econômica, requer um processo mais rápido de edição e divulgação, além de alcançar maior número de leitores, por meio da *internet*”.

A autora defende o argumento de que o processo de digitalização em massa de documentos raros tem favorecido a democratização de seu uso, pois para ter acesso a esses registros já não mais necessitaria de custos elevados envolvendo viagens e hospedagens de pesquisadores (as), o que, em muitos casos, limitava a ambição investigativa dos (as) mesmos (as). Assim,

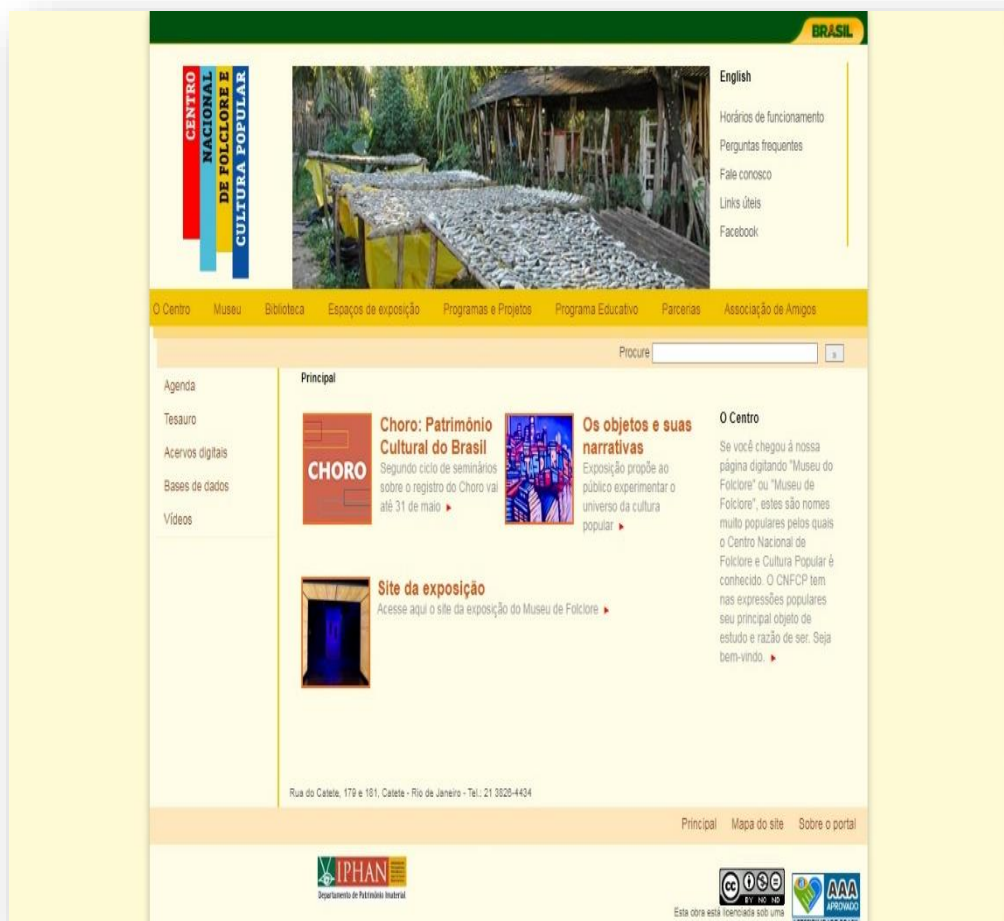
as universidades, as bibliotecas e os arquivos, privados e públicos, nos estados e municípios, trabalham progressivamente na digitalização de seus acervos e de jornais com o objetivo de disponibilizá-los por meio da Internet visando a ampliar o acesso aos periódicos (MEDEIROS, 2017, p. 72).

Dada as contribuições anteriores, passemos a tratar especificamente da experiência de pesquisa. Investigando a Hemeroteca do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular (CNFCP)ⁱⁱⁱ, percebemos que suas interfaces são bastante simples, com poucas informações adicionais, o que proporciona maior facilidade para a pesquisa. Na faixa superior, em horizontal e na cor amarela, se apresenta o *Menu Institucional* onde estão os seguintes espaços a serem encontrados no sistema: O centro, Museu, Biblioteca, Espaços de exposição, Programas e Projetos, Programa Educativo, Parcerias e Associação de Amigos. Na lateral, à esquerda, vemos outras funções do *Menu Temático*: Agenda, Tesouro, Acervos digitais, Bases de dados e Vídeos.

Ao clicarmos na função “Acervos digitais”, abre-se uma nova aba que permite acesso à Hemeroteca da instituição. Nessa mesma aba estão dispostos outros documentos que podem, a depender do interesse de cada pesquisador (a), ser utilizados como fonte histórica. Destacamos algumas possibilidades: Artigos, Catálogos, Cadernos de Memória, Xilogravuras, Cordéis e Revistas. Portanto, no quesito praticidade, consideramos ser um *site* vantajoso para historiadores (as) que possuem dificuldade no uso da *internet*. Ainda é possível acessar os

Menu de serviço (Horário de funcionamento, Perguntas frequentes, Fale conosco, Links úteis e Facebook) e *Menu do Site* (Principal, Mapa do site e Sobre o portal). Destarte, os conteúdos são alocados em grupos através de cada menu, concedendo maior fluidez no uso do sistema.

Imagem 1. Interface da Hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP.



Fonte 1: Disponível em: http://www.cnfc.gov.br/interna.php?ID_Secao=62. Acesso em: 8 jun. 2021.

Essa é uma discussão pertinente, porque ainda há no imaginário de diversos historiadores (as), aqueles que possuem certo olhar conservador com relação às fontes da *internet*, a ideia de que o (a) especialista em História precisaria, a partir de agora, desenvolver outras especializações como nas áreas da Informática, Comunicação e, até mesmo, em Design Gráfico para conseguir “navegar” no mundo digital. Essa é uma problemática que aparece principalmente na História do Tempo Presente, como muito bem pontuou Dilton Cândido Santos Maynard (2016, p. 79) em texto recente: “[...] o mais correto seria considerar que historiadores não necessitam aprender novas tecnologias ou dominar os intrincados códigos de

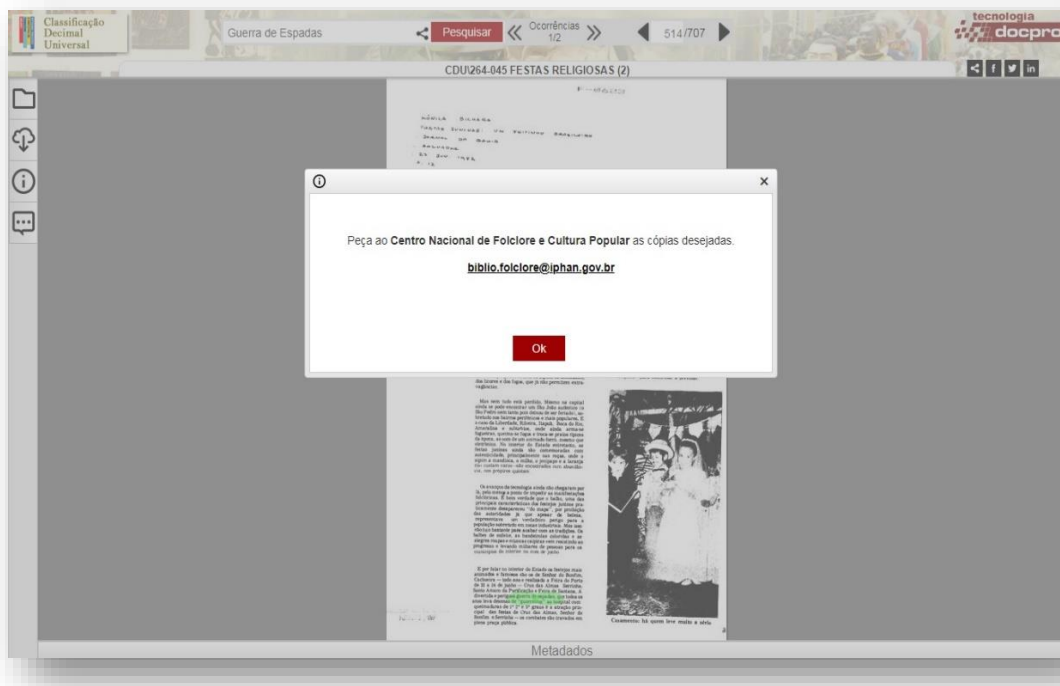
computadores; não precisam se tornar cientistas de computadores; não precisam obrigatoriamente ser *hackers* ou *geeks*”.

Ainda com Maynard (2016, p. 85), a tensão não está na dificuldade em acessar essa documentação, mas no que tange à sua preservação, como já situamos anteriormente. Até quando essas instituições se interessarão em manter esses documentos disponíveis? Está aí o centro da questão. “Ou seja, além de preservar, precisamos refletir sobre e planejar o acesso e o uso desses registros”.

As fontes jornalísticas, fundamentais para realização da pesquisa já indicada no início do texto, foram extraídas da Hemeroteca. Os acervos disponíveis ao público possuem estimado valor para investigadores (as) que anseiam desenvolver pesquisas sobre temáticas relacionadas à cultura popular, patrimônio cultural, manifestações culturais, tradições etc. Ao acessar os dois acervos, encontramos um total de 62.479 páginas de periódicos digitalizadas. A grande maioria do material correspondente abarca as décadas de 1950 a 1970. Todavia, é possível encontrar cópias de jornais das décadas de 1980, 1990 e 2000.

Apesar da alta organização da documentação, encontramos certa dificuldade para obtenção do material em *Portable Document Format* – PDF. O principal empecilho encontrado foi quando tentávamos realizar o *download* do material. Era necessário solicitar à instituição, via *e-mail*, para que nos fossem enviadas as cópias desejadas. Assim feito, recebemos, depois de quase um mês da solicitação, um *Termo de Responsabilidade* no qual indicariamos os recortes requeridos. Com o não retorno por parte da instituição, enviamos um segundo *e-mail* com a mesma documentação em anexo, sendo que dois meses já haviam se passado desde o primeiro envio do termo assinado^{iv}. Não obtivemos retorno dessa vez. Constatamos, então, que esse caminho prejudicaria a continuidade da pesquisa.

Imagem 2. Tentativa de fazer o download do material.



Fonte 2: Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/CDU_Recortes_de_Jornais. Acesso em: 8 jun. 2021.

Tendo em vista tais dificuldades, o instrumento de coleta das edições foi remodelado para um método “clandestino”. Manejando um método alternativo, isto é, através da ferramenta *Print Screen*, foi possível arrolar os recortes de jornais com maior rapidez. Tal ferramenta tornou-se fundamental para apreciação do material sem que houvesse mediações formalizadas com a instituição, mantendo, contudo, toda a responsabilidade ética no uso da documentação, indicando sempre sua origem.

No acervo *Classificação Decimal Universal (CDU)*, é possível encontrar pastas temáticas e a quantidade de recortes no interior de cada uma delas. São, ao todo, 11.856 páginas de jornais digitalizadas. O outro acervo, *Temático (Arquivo Temático)*, possui 50.623 folhas de periódicos digitalizados. Esse arquivo possui alto grau de organização, permitindo acessar temas de interesses com certa facilidade. Todos os assuntos possuem desdobramentos com subtemas. Vejamos um exemplo do acervo *Temático*: 1) agropecuária; 1.1) agricultura e pecuária; 1.1.1) geral-agricultura, engenhos e moendas, e instrumentos agrícolas. Consta, nesse acervo, o total de 78 temas. Também há mais dois arquivos: Introdução e Ajuda. O primeiro refere-se à apresentação do acervo; o segundo revela passos de como proceder nas buscas.

No que tange às orientações de como fazer buscas por palavras, o sistema indicava que os termos deveriam ser separados pelo sinal de adição (+). Percebemos, ao seguirmos os passos, que esse método nos levou a quantidade de ocorrências muito maior, trazendo, em sua grande maioria, temas que não tinha qualquer vinculação ao nosso objeto. Decidimos, então, seguir os procedimentos presentes e, por curiosidade, adotar uma outra maneira de pesquisar substituindo o sinal de adição pela preposição *de*. Utilizamos os seguintes termos: “Guerra + espadas”, “Guerras + espadas”, “Guerra de Espadas”, “Guerras de Espadas”, “buscapé” e “buscapés”, “busca-pé” e “busca-pés”.

A utilização do termo “busca-pé” ou “busca-pés”, considerando a grafia recente, tornou-se pouco operacional, pois o sistema acabava selecionando todo e qualquer conteúdo que apresentasse a palavra “busca”. Para sermos exatos, foram detectadas o total de 2.251 ocorrências com o termo “busca-pé” e 1.825 com o termo “busca-pés” nos dois acervos. Já com as palavras “buscapé” e “buscapés”, grafia presente nos jornais, obtivemos os seguintes resultados juntando os dois acervos: 38 citações e 83 citações. A explicação da chamada utilizando essas palavras deveu-se, basicamente, por sabermos que o busca-pé é um tipo de fogos de artifício comumente manejado nas festas juninas. Sendo assim, a possibilidade de sua deflagração nos recortes poderia nos levar (ou não) diretamente à Guerra de Espadas. Cabe ao pesquisador e pesquisadora atentar para termos auxiliares que conformam o objeto de investigação.

Com os termos “Guerra + espadas”, “Guerras + espadas”, “Guerra de espadas” e “guerras de espadas” ficou visível que o melhor caminho era o sugerido pelo próprio sistema. Daremos apenas um exemplo. Quando utilizávamos a preposição *de*, éramos levados objetivamente às ocorrências sobre a prática cultural. Entretanto, esse mecanismo deixou de localizar várias outras ocorrências sobre o mesmo fenômeno. Assim foram encontradas o total de 4 ocorrências com o uso das palavras “guerra de espadas”, enquanto que detectamos 134 quando pesquisamos por “guerra + espadas”. Das 134 ocorrências, 8 eram voltadas ao nosso objeto, sendo que 4 delas não tinham sido detectadas na chamada anterior.

No desenvolvimento da pesquisa foram notadas repetições de ocorrências, ou seja, um mesmo recorte poderia ser encontrado usando tanto “Guerra + espadas” quanto “Guerra de Espadas”, por exemplo. Deparamos, também, com um caso em que determinada edição fora digitalizada duas vezes. Quando filtramos todas as ocorrências, analisando uma por uma, chegamos ao total de 17 edições de jornais diferentes que eram compatíveis ao nosso tema de

pesquisa. Não acreditamos que conseguimos encontrar todas as edições que faziam referência ao fenômeno da Guerra de Espadas na Bahia. É importante dizer que na grande maioria dos casos alguns recortes não serão detectados por diversos fatores, o que implica no entendimento do (a) pesquisador (a) de que ele não possui a garantia de obtenção de todo o material que diz respeito ao seu objeto de pesquisa naquela Hemeroteca.

Durante a jornada decorreu de encontrarmos uma edição em que o sistema não havia identificado quando efetivamos a chamada por palavras. A imagem abaixo serve como ilustração. No ato da busca, o sistema mencionou apenas uma referência na edição do *Jornal do Comércio*, de 1995, página 1, escrito por Daniela Lacerda. Ao passarmos para as seguintes páginas da mesma edição, vimos, na página 3, que o sistema não havia sinalizado outra nova recorrência. Enquanto hipótese, pensamos que a sua aproximação com a imagem, cortando o final da letra *g* tenha interferido na localização. Para facilitar a localização por parte do (a) leitor (a), sinalizamos com uma seta na cor vermelha. Fizemos o teste com a palavra “Horizonte” e o sistema localizou. De toda forma, fica claro que os mecanismos de busca não gozam de onisciência.

Imagem 3. Edição na qual o sistema da Hemeroteca não conseguiu localizar as palavras na hora da pesquisa.^v



Fonte: Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=CDU%20%20Recortes%20de%20Jornais&pesq=guerra%20de%20espadas>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Todas essas e outras especificidades sobre a investigação em Hemerotecas foram recentemente apontadas por Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento (2020). Os autores friccionavam a indiscriminada utilização desse significativo instrumento para a produção da escrita histórica por parte de historiadores (as). Para eles, a facilidade em acessar volumosa quantidade de fontes digitalizadas suprimiu o rigor teórico-metodológico em seu uso. Problema seríssimo que, em nossa opinião, põe em questionamento o próprio fazer do historiador (a). Escreveram:

O trabalho do historiador diante do arquivo digital, portanto, não é tão diferente do trabalho diante do arquivo físico, pois exige tanto rigor metodológico no tratamento da fonte quanto o

Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF – ISSN 1677-1001
V. 20, N. 2, p. 96 - 111, Maio/Ago. 2021
DOI: 10.5335/srph.v20i2.12864

tratamento de uma fonte não digital. Entretanto, esse cuidado muitas vezes é escamoteado ante a profusão de fontes, a agilidade da busca, a velocidade do acesso e a facilidade do armazenamento (p. 203).

Os pesquisadores ainda destacaram certos pontos relevantes que foram encontrados em campo. Pontos com os quais nos deparamos quando atuávamos virtualmente no CNFCP. Basicamente, foram listados três:

O primeiro é que a digitalização sempre pode comportar erros nos caracteres de documentos que não são nativamente digitais. Segundo, a linguagem tem a incrível capacidade de nos permitir falar das coisas sem que necessariamente mencionemos o nome delas. Por fim, e não menos grave, o horizonte de possibilidades daquilo que sabemos que vamos encontrar sempre pode ser surpreendido por algo que sequer imaginávamos que poderia ser encontrado (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 204).

No que concerne ao segundo ponto indicado, há de se ter a devida consciência dos limites impostos à própria documentação. Por sabermos dessa especificidade que recorreremos ao uso dos termos “buscapé” e buscapés”, pois ofereciam condições de possibilidade de encontrar o que procurávamos. Mesmo assim, mantivemos o critério de só utilizar os recortes que trouxessem, integralmente, referências à Guerra de Espadas.

Considerações finais

Sem dúvida alguma, no processo continuado de desbravar as hemerotecas, novas camadas de problemas se abrirão aos olhares de historiadores e historiadoras. Estamos apenas começando a enveredar por essa riquíssima forma de se obter fontes históricas para produção do conhecimento. Não obstante, é preciso rever os contornos de usos predatórios das Hemerotecas. Em outros termos, torna-se fundamental que passemos a refletir cada vez mais sobre esses poderosos campos de pesquisa.

Isso se deve, é claro, ao fato de que o acesso aberto a documentos digitalizados, muitas vezes, tende a obstruir maiores preocupações em seu uso por parte de pesquisadores (as) em História. Esse alerta tem sido feito por diversos pesquisadores e pesquisadoras que lidam com esse recente campo. A demonstração do rigor metodológico na coleta do material é o que nos diferencia do público que cada vez mais se interessa pelos debates empreendidos no campo da produção do conhecimento histórico. Sobretudo, as precauções concernentes aos critérios de obtenção dos dados evitam que a disciplina histórica seja vista como um fazer onde todos (as) podem, pela simples faculdade de manipular certa quantidade de fontes, produzir uma narrativa histórica coerente.

Se for do interesse de leitores (as), acreditamos que duas premissas são imprescindíveis para aquele (a) que almeja penetrar nas tramas das hemerotecas espalhadas

nas diversas instituições no Brasil e no exterior: a primeira diz respeito à apropriação de trabalhos que se debruçaram para entender as redes existentes no fluxo das hemerotecas. Compreendê-los já coloca o sujeito pesquisador um passo à frente, haja vista que evitaria o cometimento de erros básicos e ganharia tempo de pesquisa. A segunda premissa trata do conhecimento do próprio *site*. Não dá para começar a coleta de dados nas hemerotecas sem que se conheça, minimamente, o seu funcionamento. Um “passeio” atento pode agregar conhecimentos diversos, até mesmo, como bem apontaram Brasil e Nascimento (2020), de se deparar com possibilidades outras que venham despertar interesses novos de investigação. Por fim, negligenciar as informações contidas nas hemerotecas de como empregar as buscas pode ser uma grande armadilha.

Referências

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais; uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *AEDOS – Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS*, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan./ jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ALMEIDA, Leandro Antonio de. Mecanismos de busca em hemerotecas digitais nacionais: possibilidades e desafios para a pesquisa histórica. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 10, n. 2, p. 1-17, jun./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/509>. Acesso em: 29 jun. 2021.

BAHIA. *Fundação Pedro Calmon lança prêmio de R\$ 7 milhões para cultura*. Fundação Pedro Calmon [online], 2020. Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/2020/10/1848/Fundacao-Pedro-Calmon-lanca-Premio-de-R-7-milhoes-para-Cultura.html>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da hemoteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p.196-219, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/79933>. Acesso em: 29 jun. 2021.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. *Hemeroteca*. CNFCP [online]. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=2. Acesso em: 14 jun. 2021.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo Cezarinho; DOURADO, Tábata Figueiredo. *No ritmo do fogo: contos e memórias da Guerra de Espadas na Bahia*. Bauru: Gradus Editora, 2021. Disponível em: <https://www.graduseditora.com/no-ritmo>. Acesso em: 29 jun. 2021.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades – Revista de História*, Edição 26, v. 10, n. 1, p. 320-338, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5878>. Acesso em: 29 jun. 2021.

GINZBURG, Carlo. Os prós e contras do google. *Fronteiras o Pensamento* [online], 2010. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/os-pros-e-contras-do-google>. Acesso em: 8 jun. 2021.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Sobre tempos digitais: tempo presente, História e internet. In: GONÇALVES, Janice (Org.). *História do tempo presente: oralidade – memória – mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016. p. 77-99. Disponível em: https://www.academia.edu/36156422/Hist%C3%B3ria_do_Tempo_Presente_oralidade_mem%C3%B3ria_m%C3%ADdia. Acesso em: 29 jun. 2021.

MEDEIROS, Ana Ligia Silva. Democratizando o acesso aos jornais raros: o uso da tecnologia a serviço da pesquisa. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 31, p. 65-77, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1173/840>. Acesso em: 29 jun. 2021.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23-53, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>. Acesso em: 29 jun. 2021.

RODRIGUES, Pedro Eurico. A teia, a tela e o tempo: internet e a história do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131-150, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014131>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Atualidade da história do tempo presente. *Revista Historiar*, v. 1, n. 1, p. 7-13, 2009. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/1>. Acesso em: 29 jun. 2021.

TOMASI, Julia Massucheti. O presentismo e a revolução documental: as páginas da internet como documentos de pesquisa para a História – Da volatilidade à instantaneidade. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 12, (Sem página), jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2710>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Recebido: 08/03/2021
Aceito: 18/07/2021
Publicado: 25/08/2021

* Licenciado e Mestre em História. Atualmente é doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1593-268X>. E-mail: cezarinhohistoria@hotmail.com

ⁱ A pesquisa pode ser acessada gratuitamente. Ver: Disponível em: <https://www.graduseditora.com/no-ritmo>. Acesso em: 8 jun. 2021.

ⁱⁱ Disponível em: <http://www.fpc.ba.gov.br/2020/10/1848/Fundacao-Pedro-Calmon-lanca-Premio-de-R-7-milhoes-para-Cultura.html>. Acesso em: 8 jun. 2021.

ⁱⁱⁱ “O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) é a única instituição pública federal que desenvolve e executa programas e projetos de estudo, pesquisa, documentação, difusão e fomento de expressões dos saberes e fazeres do povo brasileiro. Suas atividades produziram um acervo museológico de aproximadamente 17 mil objetos, 130 mil documentos bibliográficos e cerca de 70 mil documentos audiovisuais. O CNFCP está instalado no conjunto arquitetônico do Catete, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)”. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=2. Acesso em: 14 jun. 2021.

^{iv} O primeiro *e-mail* com o Termo de Responsabilidade assinado foi enviado em 27 de agosto de 2020. Já o segundo fora enviado em 27 de outubro de 2020. Não sabemos se a demora tenha sido causada por consequências do momento pandêmico.

^v A ocorrência não foi encontrada em nenhuma das 4 chaves de busca selecionadas: “guerra + espadas”, “guerras + espadas”, “guerra de espadas” e “guerras de espadas”.